

ARTIGO

Recebido em 29 de setembro de 2021
Aprovado em 24 de julho de 2022

Memórias das Bandas de Goiás: tradições, imaginários e identidades nas entrevistas nas cidades históricas de Goiás do acervo do BandaLab

Memories of the Bands from Goiás: traditions, imaginaries and identities in
the interviews in the historic cities of Goiás from the BandaLab collection

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v8i1.46698>

Marcos Botelho

Bacharel e Mestre em Música pela UFRJ e Doutor em Música pela UFBA. É professor de trombone e música de câmara na Universidade Federal de Goiás, onde também é coordenador do Laboratório BandaLab e do grupo “Trombones Goianos”.

E-mail: marcosbotelho@ufg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3049-0293>

RESUMO

O presente artigo analisa o acervo “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG, que possui entrevistas/depoimentos obtidos em 2 projetos de pesquisas desde 2016, que foram gravadas em 4 cidades históricas de Goiás: Cidade de Goiás, Pirenópolis, Corumbá de Goiás e Jaraguá. O foco tem sido registrar a memória dos integrantes das bandas, assim como de pessoas locais que são admiradores e seguidoras delas. Assim, utilizando o conceito de reminiscência pessoal, buscamos nas entrelinhas e coincidências dos discursos as memórias, imaginários e sentimentos de identidades dos entrevistados em relação as bandas e as cidades as quais elas pertencem. Notamos grande sentimento de identidade entre os membros das bandas, além do sentimento de pertencimento por parte de seus admiradores. Demonstram que consideram como tradição as festas tradicionais locais e as músicas que as bandas tocam nessas atividades. As bandas e as tradições locais se confundem, sendo que a banda possui papel essencial nas festas e atividades culturais em cada cidade, muitas vezes confundindo-se.

Palavras-chaves: Bandas. Goiás. Tradição. Imaginário. Identidades.

ABSTRACT

This article analyzes the collection "Memórias das Bandas de Goiás" from BandaLab-UFG, which has interviews/testimonials obtained in 2 research projects since 2016, which were recorded in 4 historic cities of Goiás: Cidade de Goiás, Pirenópolis, Corumbá de Goiás and Jaraguá. The focus has been on recording the memory of band members, as well as local people who are admirers and followers of them. Thus, using the concept of personal reminiscence, we searched between the lines and coincidences of the speeches for the memories, imaginaries and feelings of identities of the interviewees in relation to the bands and cities they belong to. We noticed a great sense of identity among the band members, in addition to the sense of belonging on the part of their admirers. They also demonstrate that they consider traditional local festivals and the music that bands play in these activities as a tradition. Bands and local traditions get mixed up, and the band plays an essential role in festivals and cultural activities in each city, often confusing themselves.

Keywords: Bands. Goiás. Tradition. Imaginary. Identities.

Introdução

As cidades históricas goianas (Pirenópolis, Corumbá de Goiás, Jaraguá e Goiás), apresentam forte tradição de bandas, sendo elas intimamente intrincadas nas atividades e festividades locais. As localidades mantêm tradições centenárias como a Folia do Divino, Cavalhadas, Semana Santa etc. De modo geral, tradições com origens lusitanas, mantidas desde o século XIX. Pelo posicionamento geográfico essas localidades mantiveram certo isolamento do restante do país, cirando, cultivando e modificando tradições aparentemente *sui generis*, em relação à outras partes do Brasil.

As bandas participaram dos primeiros registros fonográficos de música brasileira, como no caso da Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro e da Banda da Casa Edison (SILVA, 2018). As bandas eram a principal forma de divulgação da música de concerto e popular no início do século XX, dando uma grande contribuição através da recriação de diversos gêneros musicais, às vezes com caráter quase orquestral (TINHORÃO, 1976).

O foco do nosso trabalho tem sido registrar a memória dos integrantes das bandas, assim como de pessoas locais que são seus admiradores e seguidoras. Buscar memórias e depoimentos que vão além da história das bandas, incluem os sentimentos, identidades e fazeres que não estão registrados em documentos escritos. No presente texto, temos como objetivo compreender as memórias e imaginários em suas entrevistas, não exatamente analisar a participação das bandas nestas atividades locais. Assim “a pluralidade de expectativas e de memórias é o inevitável corolário da existência de uma pluralidade de mundos e de uma pluralidade de tempos sociais” (CATROGA, 2001, p. 34). A memória das bandas confunde-se com a história pessoal de seus componentes, sendo então, “a ligação visceral existente entre a memória das bandas e a de seus integrantes não permitiria outro tipo de abordagem”. (MESQUITA, 1994 p. 87). As observações aqui relatadas, surgem das convergências dos discursos e entrevistas colhidas.

Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, regionais, nacionais etc.) em permanente construção, devido à incessante mudança das *re-presentações* (ou *re-presentificações*) do pretérito (CATROGA, 2015, pg. 11)

Utilizamos a reminiscência pessoal, ou seja, a evidência oral específica das experiências de vida do entrevistado. “Os dados orais podem proporcionar detalhes insignificantes que de outra maneira são inacessíveis e, por isso, estimulam o historiador a reanalisar outros dados de maneira nova” (PRINS, 1992 p.195). Compreendemos que as bandas são intrinsecamente ligadas às suas localidades, adquirindo características próprias.

As bandas de música representam uma das muitas práticas rituais que estão presentes na sociedade brasileira, como o futebol, o carnaval, as festas cívicas e religiosas. Não é por acaso que em cada momento destes, frequentemente, os sons das bandas são ouvidos. (...) possuem grande significado cultural e comunitário, resgatando e valorizando o patrimônio musical do estado do Rio de Janeiro (PEQUENO, TACUCHIAN & GERK, 1994, pg 16).

O imaginário é o que une um determinado número de indivíduos, de modo que estes passem a perceber-se como uma unidade social. Castoriadis (1986, p.193) afirma que “não podemos compreender uma sociedade sem um fator unificante, que fornece um conteúdo significado e o entrelace com as

estruturas simbólicas.”. O mesmo autor acrescenta, ainda, que: “as instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica” (p.159).

1 Acervo: Memória das Bandas de Goiás

O BandaLab-UFG (Laboratório de Estudos e Práticas de Bandas e Instrumentos de Sopros), vem constituindo um acervo de depoimentos de músicos e seguidores das bandas de música de Goiás desde 2016. Atualmente, o acervo, intitulado “Memória das Bandas de Goiás”, conta com cerca 27 horas de gravações de depoimentos gravados com 31 entrevistados das cidades de Corumbá de Goiás, Pirenópolis, Jaraguá e Goiás. Até o momento, possui depoimentos realizados por meio de dois projetos, todos coordenados por nós:

- *Em busca da memória de uma banda centenária*: realizado em 2016 e 2017 com recursos do Fundo de Artes e Cultura do Estado de Goiás e Itaú Cultural;
- *Memórias das bandas das cidades históricas de Goiás*: realizado em 2020 e 2021 com recursos do Fundo de Artes e Cultura do Estado de Goiás em parceria com o Instituto Bertran Fleury,

O roteiro das entrevistas/depoimentos possui tópicos convergentes, serão estes que iremos utilizar como fonte de dados e comparação:

- importância das bandas na vida dos entrevistados;
- história das bandas e relação com a localidade;
- repertório e atividades das bandas.

Logicamente, os depoimentos¹ possuem outras informações que se referem mais a respectivas cidades e/ou especificidades das diferentes pesquisas.

2 As cidades históricas de Goiás e suas bandas

A região de Goiás começa a ser povoada pelos portugueses com as “bandeiras penetrando e alargando o domínio português a cata de índio e dum caminho para Cuiabá” (RODRIGUES,1982, pg 17). Os primeiros músicos que se tem notícias foram o padre Manuel de Andrade Verneck, na então Vila Boa

¹ Iremos utilizar a expressão “relato oral”, para indicar as falas retiradas das entrevistas depoimentos, as informações completas de cada uma estão indicadas após as referências bibliográficas.

(hoje Goiás) em 1775 e o padre José Joaquim Pereira da Veiga, na então Meia Ponte (hoje Pirenópolis) em 1772, ambos vindos do Rio de Janeiro. Assim são “esses dois vigários o embrião do cultivo da música nas duas cidades goianas” (MENDONÇA, s.d., p 15). A mesma autora afirma que as famílias nessas cidades, conseguiam instrumentos para seus filhos, formando pequenos conjuntos instrumentais formados por pais e filhos. “Verdadeiros embriões de conjuntos, orquestras e bandas musicais” (Id., p 16).

2.1 Vila Boa e suas Bandas

A Vila Boa (atual Goiás) surge no local onde foram descobertas as primeiras minas de ouro na região em 1725, é elevada em 1818 à cidade, tendo sido capital da província e do Estado de 1749 a 1937 (RODRIGUES, 1982). Em 2001 foi reconhecida pela Unesco como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial. Sua população estimada em 2018 era de 22 916 habitantes de acordo com o IBGE.

O escritor Helder Passos (2018) aponta que a primeira banda oficialmente fundada na cidade de Goiás foi a Sociedade Phil’armonica de Goyaz, em 1870, seguidas de inúmeras outras bandas como a Banda de Música Joaquim Marques (1890), Sociedade de Santa Cecília “Lira Musical” (1905), Banda Musical do Seminário (1910), Sociedade Beneficente de Santa Luzia (1912). As bandas militares também exerceram papel marcante na cidade, como a Banda da Música da Guarda Nacional fundada em 1880, também conhecida como “Banda do Batalhão 20”. A Banda da Polícia Militar foi criada em 1893, a única banda em funcionamento na cidade atualmente, em 1922 foi criada a “Banda Ypiranga” com a transferência do 6º Batalhão de Caçadores (MENDONÇA, s.d.). Registra-se que “realizavam-se retretas às quintas e domingos: às 17 horas ouvia-se a Banda do Exército, em frente ao quartel, e, à noite a Banda da Polícia, no coreto do jardim” (MENDONÇA, s.d., p.87).

Estas retretas foram lembradas e relatadas pelo Helder Lima² quando perguntado se a banda marcou a sua vida, ele responde “tanto marcou que em lembro” (relato oral), complementa, que “a moçada ficava lá toda reunida em volta do coreto da praça, isso acontecia uma vez por semana, não me lembro o dia, mas era um dia de semana” (relato oral). Interessante notar que na cidade de Goiás existiam bandas ligadas às famílias, chamadas pelos entrevistados de bandas particulares, a família Oto Marques é bem citada. O sr. Elder Camargo de Passos³ acrescenta que existia:

A banda da Polícia Militar, que ainda está aí, banda do exército que esteve aqui. Bem ... Bandas particulares aí tem um monte, Banda de Oto Marques, Banda do pai de Oto Marques (...) Era o pessoal que reunia e falava, vamos fazer uma banda? Vamos. Ai levava o nome ou do Maestro ou Irmandade. (relato oral)

Outro fato que não muito usual é que não existia escola formal nas bandas, dois ex-músicos aposentados da Banda da Polícia Militar, Ismael Santana e Ondumar Gomes⁴, relatam que alguns músicos da Banda da Polícia Militar davam aulas informais. O sr. Ismael⁵ relembra que quando começou a estudar

² Artista Plástico.

³ Escritor e memorialista.

⁴ Entrevistas concedidas separadamente em 25/08/2021.

⁵ Ismael Santana.

com um músico na banda, começou a dar aula para seus colegas vizinhos e que, aos 13 anos de idade, começaram a ensaiar aos domingos, formando uma banda. Relata que não havia nome oficial, mas a banda era conhecida como “Atuais do Ritmo” e que após isso a banda passou a participar de várias atividades na cidade.

Portanto, diferente das demais cidades, o movimento de banda era algo quase que espontâneo. Havia uma grande atividade doméstica musical. Os entrevistados demonstram que os músicos participavam das várias atividades culturais. Mesmo a Banda da Polícia Militar, enquanto militar integrava-se com a comunidade. O compositor e médico Fernando Cupertino⁶ relata que ele próprio era convidado pelos regentes militares a reger e auxiliá-los, acrescenta que era corriqueiro a participação de músicos externo a banda.

A música fazia parte do cotidiano, principalmente entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX (MENDONÇA, s.d.). Atividades religiosas, saraus, serestas etc. eram recorrentes, e assim não era exatamente necessário um grupo formalmente constituído, como uma banda para a realização. Deste modo, Cupertino acrescenta que “a cidade é pequena não tem tantos músicos assim, então eles acabam que participam de tudo” (relato oral).

As bandas de música, tradicionalmente possuem ou mantêm escolas de música para suprir sua demanda por novo integrantes. Entretanto, em Goiás “as aulas eram dadas em caráter particular para amadores” (MENDONÇA, s.d., p. 89), nas entrevistas tal fato também é destacado, como na fala do sr. Ondumar Gomes, que diz que começou a aprender com o sr Ismael Santana seu vizinho, também adolescente. O sr. Santana comenta: “os músicos lá da banda sempre passam coisas para gente, nos ensinavam, mas não tinha aula não” (relato oral).

Nas entrelinhas das entrevistas, podemos notar o sentimento de ligação e de identidade não é com bandas específicas, mas sim com suas tradições. Os dois ex músicos entrevistados⁷ nos relatam que, atualmente, os músicos da Banda da Polícia Militar não são da cidade, não tem apego às tradições locais. Outro fato interessante relatado por eles, é que em vários momentos há a presença de músicos locais, que não fazem parte dos quadros da PM, ou mesmo de músicos aposentados que tocando com a banda. Assim a Banda da Polícia Militar em Goiás apresenta características de banda comunitária, “deixa de ser militar”, integra-se ampla e completamente no arcabouço cultural da cidade. Inclusive, já presenciamos ao vivo a Folia do Divina e os músicos não estavam fardados, mas com camisas alusivas as festividades, o que fazia com que se integrassem tanto os músicos da banda como membros da comunidade, indistintamente.

O sr. Ondumar Gomes relata:

Todo mundo da banda da época minha, era filho da cidade. (...) A população da cidade tinha a banda como irmã, eles adoravam a banda. Ai conforme minha geração foi se aposentando foi chegando gente de fora, aí foi distanciando. (...) Eles hoje não têm o amor como tínhamos antigamente, hoje eles querem um serviço, eles tocam por obrigação. (relato oral)

⁶ Médico, compositor e regente atuante nas atividades musicais da cidade de Goiás.

⁷ Ismael Santana e Ondumar Gomes.

O sr. Helder dos Passos informa que os músicos faziam parte de todas as atividades, “eles tocavam nas procissões, serestas, missas, tudo” (relato oral). Assim, o sentimento de pertencimento se amplia, vai além de uma instituição como uma banda específica, mas passa a ser com as tradições, com a comunidade, com as atividades locais. Transcende ao grupo, deixa de ser a Banda da Polícia Militar, para ser a simplesmente “banda”, expressão usada por todos os entrevistados ao se referirem a Banda da Polícia Militar. O grupo passa a ser integrante das tradições, passa a ser a paisagem cultural local.

Inclusive como já relatado vinham mestres de outras localidades para reger a Banda da Polícia Militar, estes tinham que aprender e seguir as tradições e práticas da comunidade. O sr Ondumar Gomes relata que: “a tradição é centenária, não tinha como eles mudarem. Assim que chegavam, eram informados da rotina da banda e tal, passavam tudo. Todo ano era a mesma coisa, as festas são as mesmas, a tradição não muda.” (relato oral).

Outro fato interessante relatado por todos os entrevistados é que era comum os compositores locais, fazerem arranjos para que a banda tocasse suas composições. Assim, as músicas das serestas, carnaval etc. eram levadas para bandas, compositores como João Ribeiro, conhecido por sua produção de músicas de carnaval, são muito citados. Mais uma vez, demonstrando a fusão entre todos os fazeres musicais locais.

2.2 As demais cidades históricas de Goiás

Pirenópolis, Jaraguá e Corumbá de Goiás, também surgiram a partir da descoberta de minas de ouro no início do século XVII. As cidades de Corumbá de Goiás e Pirenópolis são vizinhas, são separadas por cerca de 10km de distância, mantendo desde sua fundação grande intercâmbio, sendo que Jaraguá está um pouco mais distante, cerca de 70 km. A cidade de Goiás difere-se das demais por estar geograficamente distante, cerca de 150 Km, mantendo-se relativamente isolada, além de ter sido capital do Estado de Goiás. Entretanto, todas mantêm tradições e festividades muito parecidas e antigas e todas terem bandas desde seus primórdios intimamente ligadas em suas atividades culturais.

Figura 1 – Mapa demonstrando o distanciamento da cidade de Goiás e a aproximação das demais



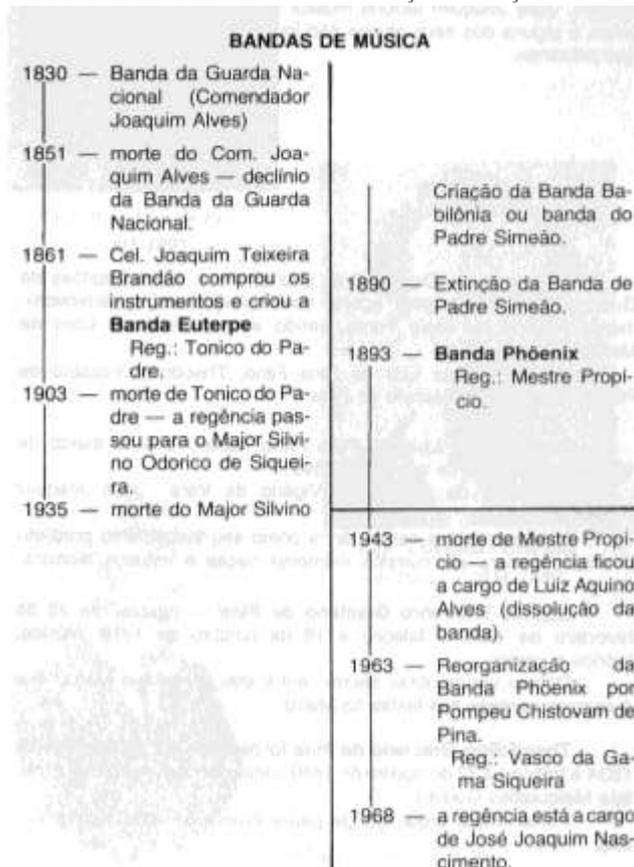
Fonte: http://vilaboadegoias.com.br/mapa_de_brasilia_goiias_velho.htm, disponível em 18/09/2021.

2.3 Pirenópolis – Banda Phoenix

Pirenópolis foi fundada em 1725 e tombada como patrimônio nacional em 1989. Sua população, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2021, de 25 218 habitantes. Mendonça (s.d.) afirma que “crê-se que as primeiras atividades musicais foram realizadas pelo padre

José Joaquim Pereira da Veiga, que veio do Rio de Janeiro em 1772, e ele próprio ensaiou e enceno nas festas religiosas”. A primeira banda de música existente foi fundada em 1830, no ano seguinte foi criada a Guarda Nacional, passando a pertencer a este grupamento, então passou a ser chamada de “Banda Militar”. Em 1851, esta foi extinta e em 1868 foi criada a “Euterpe”, com alguns músicos da banda extinta (MENDONÇA, s.d.). O compositor conhecido como Tonico do Padre (Antônio da Costa Nascimento) foi maestro da Banda Euterpe. A Banda Phoenix, única ainda em funcionamento em Pirenópolis, foi fundada em 1893.

Figura 2 – Quadro demonstrativo com as datas de fundação e extinção das bandas de Pirenópolis



Fonte: MENDONÇA, s.d., pg 143.

Mendonça (s.d.) afirma que desde início do século XIX, há grande número de atividades musicais, em especial religiosas, há relatos de inúmeros grupos que foram formados desde 1805. No povoado eram representados dramas intercalados com arias que a população chamava de “Ópera”.

Não havia teatro na cidade, de modo que as peças eram encenadas nas ruas, fechadas para tal fim. O palco, armado à altura das janelas de ambos os lados da via pública, possibilitava aos artistas entrar e sair de cena pelas janelas, usando ainda as casas como camarins e bastidores (MENDONÇA, s.d. pg 108)

O grande vulto das Bandas em Pirenópolis foi Tônico do Padre (Antônio da Costa Nascimento), viveu entre 1837 e 1903, deixou grande número de composições, sacras e profanas. O antigo maestro Alexandre Pompeu de Pina⁸ comenta sobre a fundação da Banda Phoenix, em 1897.

Por que nasceu a banda Phoenix? Porque as pessoas tinham necessidade de aprender música, e o Tônico já não estava mais com paciência para ensinar. Então procuraram o mestre Propício, porque ele era mais calmo para ensinar. (...) Então os músicos que estudavam com Propício resolveram fazer uma homenagem no dia do seu aniversário. Se reuniram e prepararam alguma coisa e foram fazer a homenagem. (...) Nesse dia a banda tocou, aí ele disse: então a partir de hoje nasce a Banda Phoenix, porque surgiu das cinzas, porque ninguém queria ensinar. (relato oral)

Os entrevistados informam que por este motivo as bandas passaram a ter uma certa rivalidade. O maestro Aurélio Afonso da Silva⁹ comenta que em alguns momentos as bandas se envolviam na política local tomando lados opostos. Quando perguntamos sobre os compositores locais o sr. Alexandre¹⁰ citou uma série de nomes, e omitiu o nome do Tônico do Padre. Após indagado pelo motivo da omissão, ele respondeu que “Tônico era da Euterpe, estou falando somente os compositores da Phoenix” (relato oral). Entretanto, entre os nomes citados havia alguns que foram da Euterpe e que depois passaram a compor a Phoenix. O sr. Aurélio¹¹ conta que a rivalidade das bandas e a divisão da cidade era tal, que de acordo com quem era sorteado para ser o festeiro ou Imperador das festas “já se sabia qual banda ia tocar, Euterpe ou Phoenix” (relato oral).

A partir de 1935, com a extinção da banda Euterpe a Phoenix torna-se única banda da cidade. Porém na década de 1960 entre em declínio e chega a parar por cerca de um ano. O atual maestro Aurélio¹² comenta sobre esse momento:

Conta a história que veio de Anápolis a Banda Lira de Prata e fez um desfile aqui. (...) Aí Pompeu viu e disse Pirenópolis não pode ficar sem banda, e Pompeu foi atrás de músicos, inclusive da Euterpe. (...) Foi atrás de Vasco da Gama, filho de Silvino Rodrigues Siqueira que era da Euterpe, para ele administrar a banda. (...) Por fim, Vasco falou: Pompeu se você arrumar alunos para mim eu dou aula na banda para você. (relato oral)

O antigo maestro Alexandre¹³ também conta o mesmo episódio. O maestro Aurélio¹⁴ ainda complementa, que ouviu de um músico antigo que Pompeu de Pina era dono do campo de Futebol da cidade e contou que “os garotos só podiam jogar bola se fossem estudar com Vasco” (relato oral). O sr. Alexandre¹⁵ afirma que o arquivo da Banda Euterpe foi comprado por Pompeu em 1967 por 200 mil cruzeiros, complementa: “então somou tudo Euterpe e Phoenix, e ta tudo aí” (relato oral).

Podemos perceber que atualmente a banda Phoenix passou a ter sua história confundida com a Banda Euterpe, principalmente pela população. A sr. Maria da Penha Sousa diz “a Phoenix teve grande e

⁸ Regente da Banda Phoenix na década de 1990, entrevista concedida em 05/06/2021.

⁹ Atual regente da Banda Phoenix, entrevista concedida em 05/06/2021.

¹⁰ Alexandre Pompeu de Pina.

¹¹ Aurélio Afonso da Silva.

¹² *Ibidem* 13.

¹³ *Ibidem* 11.

¹⁴ *Ibidem* 13.

¹⁵ *Ibidem* 11.

importantes compositores como o Tônico do Padre, já ouviu a Sinfonia dos Sapos ou os credos dele?” (relato oral). Assim, parecemos que, por ser a única banda em atividade na cidade e possuidora arquivo de partituras, tocando as músicas tradicionais, a Banda Phoenix herda e fundi sua história nas “memórias” e “lembranças” da população. Mesmo que isso na verdade nunca tenha acontecido. O maestro Aurelio Silva relata que seu Bisavô assumiu a Banda Euterpe com a morte do Tônico do Padre, conclui que “os grandes compositores pirapolinenses são da banda Euterpe” (relato oral).

2.4 Corumbá de Goiás – Corporação Musical 13 Maio

O município de Corumbá de Goiás foi fundado em 1730, possui de 10.361 habitantes de acordo com o IBGE, Censo Demográfico de 2010, com uma área de 1.062 km², com. O historiador Ramir Curado (2014), afirma que com a criação da paróquia foi criada em 1845 uma orquestra e coral para as atividades litúrgicas. Em 1866 surgiu a Banda de Música União Corumbaense, que acompanhava as festas religiosas, sendo extinta em 1870, devido à morte do seu fundador e reorganizada em 1874, com o nome de Banda 14 de Julho, sendo fundada em 1909. A Corporação Musical 13 de Maio foi fundada no município de Corumbá de Goiás em 13 de maio de 1890. É considerada a banda civil mais antiga em atividades do estado de Goiás com data de fundação documentada. Atualmente a Corporação Musical 13 de Maio é a única banda em funcionamento. Curado (2016) assim descreve a fundação da banda:

Em Corumbá uma das lideranças desse partido (Liberal) resolveu comemorar esse fato (de estar a frente do gabinete monárquico) com uma passeata, mas a Banda 14 de Julho, cujo diretor era o chefe local do Partido Conservador, se negou a tomar parte nesse evento. Por esse motivo Antônio Félix Curado (Felinho) cujo pai, Cel. Luiz Fleury de Campos Curado, era o líder do Partido Liberal em Corumbá, resolveu fundar outra banda de música na vila. Foi convidado para formar os músicos e reger a banda José Gomes Gerais, maestro da banda do Pe. Simeão Lopes na fazenda Babilônia, município de Pirenópolis. (CURADO, 2016, p2)

Assim sua função de preparar novos músicos renovando o quadro, acreditamos também ser muito reconhecida. Provavelmente era esta a atividade que mais ocupava os maestros, formar uma nova geração de músicos. Pelo acervo de fotografias, podemos notar que banda sempre teve dimensões pequenas, cerca de 20 músicos ou menos em alguns momentos. Assim, o maestro tocava junto com os músicos. Do mesmo modo, grande parte das atividades ordinárias da banda eram feitas em movimento (procissões, desfiles etc.), dificultando a condução por gestos. Estas mesmas atividades eram repetidas ano após ano, gerando uma sensação “já sei o que fazer” nos músicos.

Estes mestres são também lembrados por suas músicas, ainda hoje executadas. Algumas, inclusive são tradicionais e essenciais em várias atividades realizadas pela banda. Entretanto, devemos lembrar que, tradicionalmente, os mestres não regiam as bandas. Durante as apresentações eles não estavam à frente da banda conduzindo-a. Eles se utilizavam do artifício do “avisa”¹⁶ comum em algumas partes do Brasil, em todas as apresentações da banda. O sr Cleiton Neves, que foi aluno da banda quando criança e atualmente líder sindicalista, lembra que na sua primeira apresentação com a banda, “a gente aprendia que o bumbu (sic) tocava e a gente tinha que ta atento para começar a tocar” (relato oral). Assim como foi lembrado por outros como Ramir Curado. Também lembram que os mestres tocavam juntos com os músicos, o sr. Sebastião¹⁷ lembra “Garibaldi tocava muito bem, o Zezinho também, juntava com Dario e davam show no pistão” (relato oral).

Os entrevistados nos informaram que o primeiro maestro a reger a banda de fato, a se posicionar a frente e conduzi-la por gestos foi o maestro Zezinho¹⁸. No ano de 1977 a banda foi ao Rio de Janeiro participar de um concurso de bandas. Segundo informado, as regras deste concurso exigiam que o maestro tomasse a frente da banda, na posição usual de regência, e não tocando no meio dos músicos como costumava fazer. O filho do maestro, sr Marcos de Assis relata:

Eu me lembro que papai não era assim um regente, ele regia porque era o diretor, mas ele sabia, tinha experiência. Mas me lembro que lá na Tv Globo ele foi obrigado a reger. Eu me lembro que a calça dele tremia, ele estava muito nervoso. Mas ele fez uma gravação bonita, depois ficou à vontade. Foi muito bonito (relato oral).

Assim, aos poucos os maestros subsequentes passaram a reger e o costume do toque do bombo foi se extinguindo aos poucos. Embora facilmente ainda possamos ver os maestros recentes tocando junto aos músicos em atividades em movimento, como as procissões.

Outro fato sempre lembrado, e que inclusive é destacado no histórico oficial da banda, é que antes era formada somente por homens, as primeiras mulheres somente passaram a integrar as bandas no final da década de 1970. No histórico da banda lê-se “(...)sendo composta não só por homens, como foi até início da década de 70, mas, também, por mulheres, executando instrumentos de sopro e percussão e apresentando peças musicais dos mais variados estilos”¹⁹. A sra. Maria Gorete, umas das primeiras

¹⁶ O “avisa” é constituído por um ou alguns toques do bombo, ou pequena preparação tocada pela percussão que indica aos músicos o momento de começar a tocar as músicas. Usados principalmente nos desfiles. Tal prática já foi presenciado por nós no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Não localizamos na literatura nenhuma menção.

¹⁷ Sebastião Dirceu Curado.

¹⁸ José de Assis, conhecido por maestro Zezinho.

¹⁹ Disponível em www.banda13demaio.com. Acessado em 14/08/2021.

mulheres a tocar na banda e filha do maestro a época Geraldo maestro, fala sobre esse momento. Informa que já estudava clarineta na Escola de Música de Brasília e era muito amiga dos músicos da banda.

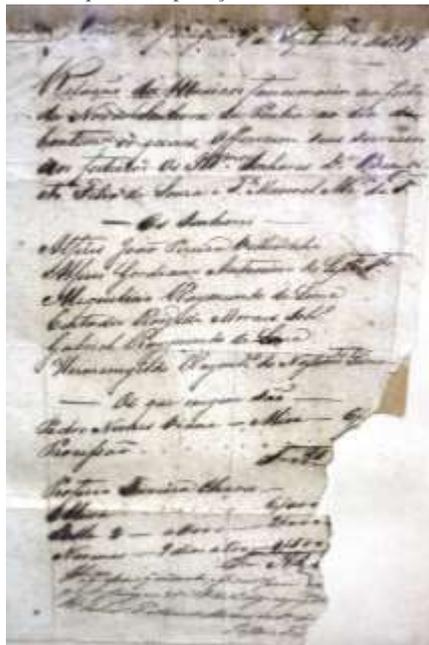
A princípio, eu nem me toquei que seria a primeira mulher a tocar na banda, para mim era uma experiência nova. (...) Tenho inclusive o diploma de ser a primeira integrante feminina. O ambiente era muito machista. Realmente nem tinha como ter mulheres na banda, mas como eu já tinha uma certa idade, me impôs, e me senti muito acolhida por eles. O olhar da sociedade para com a banda mudou, mudaram as brincadeiras e diminuiu bastante o consumo de bebida. Com a minha entrada vieram outras. (...) Depois puseram as meninas para estudar música (relato oral).

Seu pai, maestro da época, Geraldo Magela complementa que com a entrada das mulheres da banda: “Foi bom porque moralizou mais a banda, a banda era meio esculhambada. (...) muita cachaça muita bebida muita festa” (relato oral). Ramir Curado conta em sua entrevista, no início da década de 1950 algumas jovens solteiras que cantavam na Igreja, tentaram tocar na banda, mas foram “barradas”. Ele²⁰ complementa: “principalmente as solteiras, para as casadas era ousadia demais para o pensamento da época” (relato oral).

2.5 Jaraguá – Santa Cecília e Lira Jaraguaense

O município de Jaraguá foi fundado em 1736 como Córrego do Jaraguá. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2021, de 52 160 habitantes. Atualmente, podemos localizar duas bandas, a Corporação Musical Santa Cecília, que se autointitula como a mais antiga de Goiás com fundação em 1869 (atribuindo a sua fundação a um recibo de pagamento para uma banda com essa data) e a Banda Lira Jaraguaense fundada em 2010 por iniciativa do Maestro Eurípedes dos Santos, formando a Associação dos Músicos de Jaraguá, entidade mantenedora.

²⁰ Ramir Curado.

Figura 4 – Reprodução do recibo que a Corporação Musical Santa Cecília, credita a sua fundação

Fonte: Acervo Corporação Musical Santa Cecília.

Em outros trabalhos (Botelho, 2006, 2020), já demonstramos como a criação de um “mito de origem” e a exaltação ao passado, são fatores primordiais para a manutenção e existência das bandas. A Corporação Musical Santa Cecília, faz uso desse artifício, possivelmente inconscientemente, para sua valorização. Ela intitula-se como a mais antiga de Goiás em funcionamento. Todos os entrevistados ligados a essa banda, apontam o recibo citado. Entretanto, esse recibo não se refere a nenhuma banda. Como já relatamos, buscamos comprovar ou não tal fato, mas analisá-lo nos discursos.

A primeira pergunta que fizemos ao presidente da banda, sr. Paulo Antônio Gonçalves, foi sobre como ele havia chegado na banda, se era de família de músico etc. Assim, relata que teve vários familiares que tocaram na banda e logo já introduz o tema da origem da banda Santa Cecilia.

A nossa banda hoje, é a banda mais antiga do Estado de Goiás, banda não oficial. Ela não é particular, é um acervo do município. O único documento que nós temos, é uma folha de pagamento dos músicos que tocaram na festa de Nossa Senhora da Penha que era a padroeira de Jaraguá. Esse é o único documento que temos mais ou menos, eu acho que ela já existia antes de 1869(relato oral).

Após este relato ele volta à expor como começou na banda. No final da entrevista, perguntamos diretamente sobre o passado da banda e momentos marcantes, e ele restringe-se a dizer que a banda nunca parou de funcionar e que tem uma importância muito grande para a cidade. Quando perguntamos ao atual maestro da banda sr. Túlio Alves, sobre a história da banda, ele diz “temos contato mais pelos relatos dos antigos, Maestro Joaquim e Dr. Paulo, e temos também aquele documento” (relato oral). Em seguida fala que que banda sempre tocava nas festas. Depois, aponta a importância da presença do atual presidente, sr Paulo²¹, e do incremento da escola de música. O Relações Públicas e professor da banda Joabe Godois, formado em

²¹ Paulo Antônio Gonçalves.

história, diz que tem se dedicado a estudar a história da banda principalmente a fundação e que a documentação é muito escassa, há várias lacunas.

O acervo de partituras da banda, começa a ser feito a partir da chegada do maestro Joaquim do Nascimento na década de 1960, como nos informou o atual presidente. A banda não possui músicas de período anterior. Podemos supor que isso aconteça por alguns motivos, o sr. Paulo nos explica que a banda só veio a ter sede própria recentemente, geralmente ensaiava na casa de seus maestros, que muitas vezes eram também compositores. Assim, todo o acervo ficava em suas casas. Outro ponto que vale ser apontado é que muitas vezes os músicos tocavam sem partituras, tocam de cor ou de “ouvido” (relato oral). O maestro²² corrobora com essa opinião e acrescenta, “também pela banda tocar principalmente das festas e o repertório ser sempre o mesmo” (relato oral).

Podemos notar que os membros da Santa Cecília têm sempre a preocupação, mesmo que inconsciente de reafirmar que a fundação e legitimidade de serem a banda mais antiga de Goiás em funcionamento. Ao mesmo tempo, há em todos os discursos, das duas bandas locais, uma notável preocupação entre o novo e o tradicional. Os entrevistados afirmam que as bandas participam das atividades tradicionais e que nestas tocam as músicas antigas, mas que parte da população não aprecia muito esse repertório. Esta preocupação também está relacionada a atrair mais estudantes e novos membros para as respectivas bandas.

O maestro Eurípedes²³ informa que quando fundou a Lira passou a enviar umas músicas para a Santa Cecília, e que “dizia é isso que as bandas tocam hoje” (relato oral). Ele ainda complementa: “tocamos de tudo, tentando mostrar o outro lado, ir além de marchinhas e galopes” (relato oral). O maestro Tulio Alves da Santa Cecília afirma que:

a banda deve sempre deve estar em contato com público, deve estar tocando nas festas tocando esse repertório tradicional que faz parte da história. (...). Mas também acredito que, por a banda lidar com jovens, a banda tem que ter um ponto de ligação com esses jovens, acredito que temos que trazer um pouco da música popular, às vezes um pouco de músicas atuais que eles estão ouvidos, para eles terem essa referência, que a banda executa essas músicas de banda mas também essas outras músicas (relato oral).

Transparecem nos discursos, de ambas as bandas, que o equilíbrio entre tradição e atualidade é refletido pelo repertório. Parece-nos que as duas ocupam posições opostas “nesta balança”, a Santa Cecília sendo representante da tradição e a Lira da “modernidade”, termo muito usado nos depoimentos. Sem dúvidas a criação da Lira tem papel importante na criação desse antagonismo. Todavia, as bandas parecem se aproximar, com a Santa Cecília buscando “atualizar” o seu repertório, como já demonstrado na fala de seu regente, buscando atrair jovens locais. Por outro lado, o Maestro Eurípedes, que na juventude foi músico da Santa Cecília e passou algumas décadas fora de Jaraguá, defronta a tradição da Santa Cecília, enviando músicas e a criticando, como apontamos em sua fala, ao mesmo tempo, tenta encaixar a banda nas tradições, principalmente religiosas da cidade. O maestro Eurípedes nos relata que desde 2018 a Lira faz parte da programação oficial de alguns festejos, e que tal fato causou atritos com o sr Paulo²⁴. Assim,

²² Túlio Alves.

²³ Eurípedes dos Santos, fundador e atual regente da Lira Jaraguense.

²⁴ Paulo Antônio Gonçalves.

podemos supor que uma busca o espaço que outra ocupa no imaginário local e que tal fato faz com que cada vez mais se aproximem.

3 Identidades e pertencimentos nas bandas

A identidade é uma criação simbólica. Estamos utilizando o conceito de identidade de Hall (2005), segundo o qual este é entendido como “pertencimento”, acrescentando que a identidade cultural se refere “àqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2005, pg 8). Castoriadis (1986) observa que toda instituição social “é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário” (1986, p 159). Portanto, o sentimento de identidade ou pertencimento é produzido pelos próprios grupos.

Em todas as entrevistas, sempre perguntávamos o que as bandas representavam na vida dos entrevistados. As respostas seguiram um padrão, os entrevistados que não eram músicos se referiam a tradição local e à exortação ao passado, entretanto os músicos falavam que a banda era parte de suas vidas e que fazia parte das suas formações enquanto pessoas. Vários entrevistados começavam suas respostas com a mesma frase: a banda é tudo para mim. O maestro Aurelio Afonso da Silva afirma:

(...) se eu não tocasse em banda não saberia dizer como seria da minha vida. A minha vida se confundiu com a banda. Quando comecei namorar com minha esposa eu avisei: olha eu toco na banda, tem dia que não posso estar com você, pois tenho que tocar na banda. Eu não saberia te dizer o que eu seria se não fosse músico da banda Phoenix (relato oral).

A respeito de sentimentos identidades nas bandas de música, Granja (1984) relata, que as bandas de música “caracterizam-se também por seu aspecto coletivo, integrado, onde são valorizadas as relações de amizade, entre seus componentes e entre estes e seus seguidores” (p. 80). Os sentimentos de identidades notado entre os músicos das bandas, pareceu-nos muito relacionado a sentimentos familiares. Os vínculos familiares entre os integrantes das bandas existem em muitos casos, principalmente no caso de nossas pesquisas em Goiás por se tratar de cidades pequenas. Mesquita (1994) ainda afirma que “as memórias das bandas confunde-se com a história familiar de seus componentes, muitos namoros e casamentos nasceram em suas sedes” (1994, pg 38).

Nota-se que a maioria dos entrevistados foram aprender música nas bandas por meio de parentes. O sr Ismael²⁵ explica: “primeiro, meu irmão mais velho 4 anos que se envolveu com banda primeiro, aí eu vi e tomei gosto com isso, nessa época tinha 13 anos” (relato oral). O sr. Ciro dos Santos, filho do maestro Eurípedes afirma que: “já nasci na banda, mas comecei na prática estudar tarde, meu pai começou a me ensinar, mas não me interessei muito. Mas depois fui me interessando. Meu pai dizia que eu pequeno dormia ouvindo banda” (relato oral). O sr Paulo²⁶ relata: “minha família sempre foi de músicos, meus dos avós eram músicos, por parte de pai e mãe. Eu comecei com 10 anos, tinha um colega que “batia” prato e

²⁵ Ismael Gomes.

²⁶ Paulo Antônio Gonçalves.

eu queria “bater” prato. (...) Eu ficava sempre em volta da banda, só ia embora quando a banda ia” (relato oral). O sr. Alexandre²⁷, antigo regente da Phoenix também relata: “minha família é toda de músicos” (relato oral).

O sr. Ondumar Gomes nos relata que o pai era músico e afirma: “a banda de música para mim é tudo, meu pai criou a família por meio da banda de música e da Polícia Militar, aí eu continuei a **linhagem** (grifo nosso)” (relato oral), continua “essa banda antiga, da época minha, tem um tipo de irmandade única” (relato oral). O sr Geraldo Magela²⁸ diz: “eu passei a vida toda na banda” (relato oral), durante a entrevista a sua esposa completa na mesma entrevista que “eu me casei com ele em 1959 e já sabia que estava me casando com um músico” (relato oral), esta fala comprova que a banda era parte integrante da vida do seu futuro marido. O sr Jose Caetano, morador de Corumbá de Goiás, fala sobre essa relação em Corumbá de Goiás “a banda para gente aqui em Corumbá era tudo, ou era da banda ou não era. Os filhos de músicos tinham que ser músicos” (relato oral).

Estes relatos comprovavam que banda ocupa grade espaço na vida de seus integrantes, e que esses se identificam entre si. Seus integrantes formam laços tantos familiares como de amizades muito fortes.

4 Tradições

Quando perguntávamos aos entrevistados sobre o que consideravam tradição de banda, sempre apontavam dois fatores: as festas locais (principalmente religiosas) e as músicas que a banda toca, sempre destacando as específicas que estas tocam nas festas citadas. Em relação ao repertório, muitas vezes respondiam somente essas músicas de bandas, então pedíamos para exemplificar ou explicar melhor, complementavam falando gêneros como valsa e dobrados ou nomes de músicas. Mas sempre ficava claro que eles queriam se referir às músicas que as bandas tocavam em ocasiões específicas e que geralmente tinham sido compostas por músicos das bandas. O maestro Túlio Alves relata: “Tradição de banda para mim é poder vivenciar tudo aquilo que vem lá de trás, é poder fazer parte da história (...) podendo tocar as tradições (...) Veja só, tradição de banda para mim é poder tocar esses maxixes, dobrados, valsas essas coisas” (relato oral).

Falto interessante que devemos ressaltar é a grande produção de obras realizadas nessas cidades, tanto para as bandas, como para outras formações, religiosas e sacras. Em todas as cidades, viveram muitos compositores, geralmente ligados as bandas. As atividades, por vezes *sui generis* que as bandas participavam, como a Folia do Divino, a Semana Santa etc, por vezes obrigavam os maestros a compor especialmente para tais atividades. Como por exemplo as músicas que a banda toca na Semana Santa em Goiás ou mesmo as marchas fúnebres de compositores da 13 de Maio e galopes das cavalcadas. O sr Alexandre Pompeu de Pina relata que o repertório circulava, muitas músicas compostas em uma cidade para determinada festa eram tocadas em outras cidades etc. Afirma, “as vezes nem era a música que chagava, mas um ia lá tocava aprendia e trazia de cor e passa para os outros” (relato oral).

²⁷ Alexandre Pompeu de Pina.

²⁸ Músico mais antigo em atividades na Corporação Musical 13 de Maio, também foi sem regente na década de 1970.

Um exemplo que demonstra esta circulação é quando perguntávamos quais os dobrados que as respectivas bandas costumavam tocar, o dobrado Espírito Santo foi citado, por pelo menos um entrevistado em cada cidade. Realizamos edição revisada baseada nos manuscritos da 13 de Maio de Corumbá de Goiás. O sr. Alexandre²⁹ relata que quando a Phoenix fora ensaiar nossa edição, alguns músicos notaram diferenças de como estavam a costumados a tocar de cor, e “o pessoal começou a dizer: esse é o Espírito Santo de Corumbá, o nosso não se toca assim” (relato oral).

Desde o início de nossa pesquisa notamos uma relação “simbiótica”, entre as bandas e as suas comunidades, é impossível falar de uma sem falar de outra. A inserção das bandas nas atividades culturais, sejam religiosas ou secular, nas cidades estudadas é tamanha que alguns entrevistados repetiam a mesma frase: “sem banda não tem cavalhadas”, “sem a participação da banda, não temos os festejos da Semana Santa”, “sem banda não é possível ter a folia do Divino” e assim por diante. A sra Maria do Carmo, moradora antiga e conhecida de Corumbá de Goiás afirma: “a Banda 13 de Maio é Corumbá de Goiás e Corumbá de Goiás é a Banda 13 de Maio. É impossível pensar uma sem a outra” (relato oral). Nas tradições religiosas e liturgias locais, a participação da banda é indissociável, as músicas compostas pelos maestros da banda são parte integrante de quase todos estes eventos. Vários entrevistados, quando perguntados sobre a relação da banda com a cidade responderam que muitos moradores locais ora acreditam que banda pertença a Igreja.

Gostaríamos de ressaltar a participação do prof. Helder Lima, inicialmente mostrou-se um pouco relutante em participar com seu depoimento, alegava não ser músico e que pouco sabia sobre a história das bandas de Goiás. Entretanto, no decorrer da entrevista, discorreu sobre as apresentações da banda da Polícia Militar no coreto semanalmente e dos carnavais, recordando-se dos que em ambas as atividades se tocava músicas de compositores locais. Descreveu as atividades das bandas na Semana Santa e Folia do Divino.

Entre as festas religiosas podemos destacar a “Festa do Divino”, comemorado em maio ou junho. Esta possui um cortejo em que as bandas percorrem as cidades. Porém, vale ressaltar, que a participação das bandas é primordial neste cortejo. Foram compostas músicas especialmente para eles, assim como para todas as festividades tradicionais locais. Além de tocarem músicas corriqueiras de seus repertórios. Há pequenas variações na participação das bandas em cada cidade, mas em todas ocupa papel principal.

Interessante notar, as atividades da Festa do Divino, representavam momento especial no calendário das bandas. O sr. Fernando Cupertino relata sobre Goiás que: “na época da folia do divino, os músicos da PM sempre estavam de férias, mas tocavam mesmo assim” (relato oral). Em Jaraguá, sobre a Santa Cecília, o sr Joabe Godois afirma que “a banda se apresenta e todo mundo assiste, após a Festa do Divino aparece um monte de jovens querendo estudar música na banda” (relato oral). Já em sobre a Corporação Musical 13 de Maio, o sr Cleiton Neves comenta: “os alunos novos sempre começavam na banda da Festa do Divino, porque cai na mesma época que as Cavalhadas de Palmeiras de Goiás. Ai os antigos vão tocar lá, e os alunos que tocam aqui” (relato oral).

Ainda tratando das festas religiosas, na Semana Santa a participação da banda está enraizada nas tradições. Cada dia possui sua atividade característica específica, com seu repertório a ser executado, que

²⁹ Alexandre Pompeu de Pina.

pode diferir um pouco em cada cidade. Inúmeras destas músicas foram compostas pelos maestros que estiveram à frente das bandas. Estas músicas são tocadas sempre nestas procissões específicas, estas partituras somente são localizadas nos arquivos das bandas. Embora muitas músicas são as mesmas tocadas por todas as bandas como os Moteto dos Passos.

Outro fato muito relatado pelos entrevistados, exceto em Corumbá de Goiás, eram as serestas, inclusive com grande participação dos músicos das bandas, tocando de ouvido. Os maestros das bandas também compunham muito para elas, assim como, segundo os entrevistados, faziam arranjos para as bandas. Perguntávamos se a banda não tocava, no passado as músicas do rádio, então pelos depoimentos descobrimos que a transmissão radiofônica na região é muito mais recente que em outras partes do Brasil. Segundo os entrevistados, rádios somente ficaram comuns e acessíveis a população no final da década de 1950 início de 1960.

Os músicos entrevistados sempre falam da prática de tocar de cor, ou de ouvido, como sendo algo muito comum. Alguns inclusive dizendo que os músicos da banda tinham dificuldades de ler música. O sr. Paulo³⁰ relata: “naquela época o pessoal (da banda) tinha leitura fraca” (relato oral), sr. Alexandre³¹ também aponta relatando que: “de tanto tocar de ouvido ou de cor, as músicas vão de modificando um pouco com o passar do tempo. Se formos tocar como está escrito o povo até reclama porque estranha” (relato oral).

Portanto, acreditamos que essa prática se consolidou por dois motivos: a repetição do repertório das festas e pela prática informal nas serestas. Cada festividade possui seu repertório específico como relatado pelos entrevistados. As festas são anuais, assim os músicos acabam passando de um para outro as músicas, e até mesmo os “vícios” ou gracejos, que passa a ser incorporados as performances das bandas. Outro motivo é por participarem das serestas, tocando seus instrumentos, músicas locais, acompanhados por outros moradores tocando violão e outros instrumentos. Não podemos deixar de relatar que quase todas as atividades, procissões, alvoradas, desfilies, serestas etc., são com a banda se movimentando, o praticamente impossibilita que os músicos estejam lendo. Perguntamos ao sr. Alexandre³² sobre essa questão e respondeu: “os músicos tocam todo ano a mesma coisa, já se acostumaram, aí acabam tocando de ouvido mesmo e inventando coisas” (relato oral).

5 Cavalhadas e os galopes

Talvez a prática cultural não religiosa mais significativa da região sejam as Cavalhadas, é realizada em várias cidades de Goiás. As Cavalhadas em Corumbá de Goiás começaram em 1752, com algumas interrupções em sua trajetória (CURADO, 2014). Por outro lado, Mendonça (s.d.) afirma que em Pirenópolis estas começam em 1826. De modo geral, as atividades duram 3 dias. Não localizamos informações sobre as cavalhadas em Jaraguá, não houve menções sobre as cavalhadas nas entrevistas relacionadas a cidade de Goiás. Toda a parte musical é feita pelas respectivas bandas locais, desfile,

³⁰ Paulo Antônio Gonçalves.

³¹ Alexandre Pompeu de Pina.

³² *Ibidem* 31.

apresentação dos cavaleiros, fundo musical etc. Sendo que em alguns casos as bandas também vão tocar em outras localidades próximas.

Mendonça (s.d) explica que a cavalhada que se realiza em Goiás:

A cavalhada é reminiscência dos torneios da Idade Média, onde nobres mediam sua força e habilidade em festas públicas. (...) Com o fim da Cavalaria, os torneios perderem sua função de preparação individual; foram transformados em distração popular e, depois, em função dramática-religiosa, representando a luta entre cristãos e mouros. (...) A que se faz em Goiás (...) consta de uma parte dramática (a embaixada) e outra representada pelos jogos e torneios (Mendonça, s.d., p 251)

Os entrevistados, quando perguntados sobre as cavalhadas e a participação da banda, apontam com orgulho a existência até mesmo de um camarote para eles tocarem. Não conseguimos localizar até o momento literatura que fale especificamente sobre a participação das bandas nas encenações. Mas os entrevistados sempre destacavam e relatavam o desfile conduzindo os cavaleiros até a área de encenação (Cavaldódromo), em que a banda tocava dobrados, e os “galopes”, tocados durante as encenações. Estes galopes são diferentes dos de origem europeia.

Carvalho (2001) nos informa que em Pirenópolis foram compostas peças especialmente para as encenações: Galope: Dos Mouros e dos Cristãos; Quadrilhas: Violeta, Flor da Noite, Três Sossegados, Noiva Encantada; Valsa: Do Batismo; e Galope Final: A Cavalhada acabou. Infelizmente o autor não apresenta os compositores.

Os entrevistados de Corumbá de Goiás, nos informam que a banda executa inúmeros galopes, e que estes não possuem nome, mas são numerados. Afirmam que o gênero é genuinamente local, e que só é executado pela Corporação Musical 13 de Maio. Afirmam que estes foram compostos em sua maioria pelos seus maestros e que o gênero provém de adequações das quadrilhas. Quando perguntados se em Pirenópolis também é executado, eles respondem que lá eles não tocam galopes. Afirmam que a velocidade, que são tocados os galopes, deve coincidir com a velocidade dos passos dos cavalos. Embora os entrevistados, não souberam respondem se é o cavalo que segue a banda ou a banda que segue o cavalo. Mas o certo é que os dois, cavalo e banda, devem estar em sincronia.

Localizamos um fato muito interessante sobre os galopes nos discursos. Os entrevistados de Pirenópolis informam que tocam galopes e quadrilhas durante as cavalhadas. Informam que os galopes tocados em Pirenópolis e Corumbá de Goiás são os mesmos, e que eles tocam inclusive muitos galopes de compositores de Corumbá de Goiás. Devemos registrar que as entrevistas realizadas em Pirenópolis foram feitas posteriores as de Corumbá de Goiás, por esse motivo os confrontamos com as informações previamente colhidas na localidade vizinha. O maestro Aurélio Afonso Silva informa que não há diferença, assim como o maestro Alexandre Pompeu de Pina, também de Pirenópolis afirma os galopes são as músicas tocadas na hora que os cavalos estão galopando, e que sua velocidade é aproximadamente o mesmo dos cavalos

Entretanto, todos os entrevistados relatam os galopes são pequenas músicas oriundas da quadrilha, que são tocadas durante a apresentação dos cavalos. Estas músicas, por serem muito pequenas (composta de somente uma ou duas seções) são repetidas inúmeras vezes. Raramente são utilizadas partituras nesta

ocasião, os músicos tocam de cor ou “de ouvido”, e a troca de uma para outra é feito com o maestro, ao seu instrumento, “puxando” uma nova. Explica o presidente da 13 de Maio, Cristiano Ferreira:

Os músicos raramente tocam lendo qualquer tipo de partitura. Quase todos são anônimos, sem qualquer registro de procedência. Acredita-se que a maioria tenha sido composta pelos maestros da banda, todavia supõe-se que alguns sejam de cavalhadas de outras cidades e que foram adaptadas ao jeito da banda tocar (relato oral).

O maestro Tulio Alves fala sobre os Galopes na banda santa Cecília:

Nossos galopes veem de Pirenópolis. Mas só veio a partitura da melodia. Aí eu montei a harmonia dela. (...) O que eu entendo dos galopes são uma marcha, se a gente pensar na época das cruzadas, era um campo muito grande, não dava para gritar. Então a comunicação deve ser feita por um toque de corneta ou bombo. (...) Então eu pensei e conversei com os integrantes da banda que os galopes tinham que ser essa comunicação, uma melodia simples (relato oral).

Quando assistimos as cavalhadas, vemos os cavaleiros, os cavalos e a banda. Ela é condição *sine qua nom* para a existência do espetáculo. Como foi apontado, até mesmo as músicas são originais e própria para o evento.

Considerações finais

As bandas e as cidades, com o passar do tempo, constituíram e consolidaram seu imaginário, entrelaçando-se, como um todo, o que fez com que envolvessem sentimentos de identidade e/ou pertencimento, tanto pelos seus músicos, como por seus admiradores. O passado das bandas possui grande importância na elaboração desse imaginário, o que é usado como ferramenta para manutenção e estímulo das percepções de identidade produzidas no âmbito destas. O foco central da exaltação de seu passado são as festas tradicionais das cidades e seu repertório.

A criação deste mundo simbólico, entrelaçando ligações familiares, históricas e sociais é de fundamental importância para a manutenção das bandas, pois, é a partir dele que as bandas mantêm e recriam permanentemente seus espaços dentro das cidades. As bandas são intimamente ligadas às suas comunidades, suas trajetórias históricas confundem-se frequentemente com a de seus membros e com as histórias de suas comunidades. Assim, sem pretender generalizar as conclusões desta pesquisa, e apesar de diferentes contextos em que as bandas se situam ou situaram, a proximidade com o cotidiano parece acontecer usualmente. O presente trabalho, buscou mergulhar um pouco mais no universo tão próprio das bandas, especialmente as de Goiás. Apenas arranhamos todas as informações que podemos extrair dos depoimentos, mas fomos um pouco mais fundo para compreender seus imaginários e relações simbióticas com outras práticas culturais locais.

Referências bibliográficas

- BOTELHO, Mrcos. **Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense**: um estudo sócio-histórico. 2006. 299 f. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música. UFRJ, 2006.
- BOTELHO, Marcos. Imaginario, identidades y relaciones sociales en una banda de música: un estudio de caso. **Actos**. V. 2 N 4 p. 114- 134, 2020.
- CARVALHO, Adelmo de. **Pirenópolis coletânea: 1727-2000**. 1ª Edição. Goiânia: Ed Kelps, 2001.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. 1a Edição. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. 5a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- CURADO, Ramir. **Corumbá de Goiás**: dos primórdios à atualidade. Anápolis, 2014.
- CURADO, Ramir. **Corporação Musical 13 de Maio, surgimento e consolidação**. Goiânia: Bandalab, 2016.
- GRANJA, Maria de Fátima Duarte. **A Banda: Som e Magia**. 1984, 280 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Escola de Comunicação, UFRJ. Rio de Janeiro, 1984.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. 10. Edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro de. **A música Goiás**. Goiânia, Fundação Cultural de Goiás, sem data..
- MESQUITA, Claudia. Projeto memórias das bandas civis centenárias: o método e a prática da fundação Museu da Imagem e do Som. In: **Caderno Mis: Memória das Bandas Civis Centenárias do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, MIS, 1994, pg. 35-54.
- PASSOS, Elder Camargo de. **Goyaz: de arraial a patrimônio mundial**. Goiânia, Kelps, 2018.
- PEQUENO, Nelia; TACUCHIAN; GERK, Antônio E. W. Bandas do Estado do Rio de Janeiro: uma tradição centenária. In: **Caderno Mis: Memória das Bandas Civis Centenárias do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, MIS, 1994, pg. 13-34.
- PRINS, Gwyn. História oral. in BURKE, Peter (Org.) **A Escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992 pg 163-198.
- SILVA, Lelio Eduardo Alves. Bandas de Música: definição e história no Brasil. In. SILVA, Lelio Eduardo Alves (org.). **Manual do Mestre de Banda de Música**. Rio de Janeiro: Faperj, 2018, pg 10-26.
- RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. **A modinha em Vila Boa de Goiás**. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1982.
- TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular: Os sons que vêm da Rua**. Rio de Janeiro: edições Tinhorão, 1976.

Entrevistas

- ALVES, Túlio. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Jaraguá-GO. Concedida em 09/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.

- ASSIS, Marcos. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 17/06/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- CAETANO, José. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 25/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- CARMO, Maria. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 20/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- CUPERTINO, Fernando. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Goiânia-GO. Concedida em 28/07/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.
- CURADO, Ramir. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 10/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- CURADO, Sebastião Dirceu. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 10/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- FERREIRA, Cristiano. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 28/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- GODOIS, Joabe . Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Jaraguá-GO. Concedida em 09/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.
- GOMES, Ondumar. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Goiás-GO. Concedida em 25/08/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.
- GONÇALVES, Paulo Antônio. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Jaraguá-GO. Concedida em 25/05/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.
- GORETE, Maria. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 29/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- LIMA, Euder. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Goiás-GO. Concedida em 24/08/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.
- MAGELA, Geraldo. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 28/05/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- NEVES, Cleiton. Depoimento. Entrevistadores: Marcos Botelho e Andreia Teixeira. Corumbá de Goiás-GO. Concedida em 17/06/2017 para o projeto “Em Busca da Memória de uma banda Centenária” do BandaLab-UFG.
- PASSOS, Euder. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Goiás-GO. Concedida em 23/08/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.
- PINA, Alexandre Pompeu. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Pirenópolis-GO. Concedida em 05/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.

RORIZ, Maria da Penha. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Pirenópolis-GO. Concedida em 06/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.

SANTANA, Ismael. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Goiás-GO. Concedida em 25/08/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.

SANTOS, Ciro dos. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Jaraguá-GO. Concedida em 29/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.

SANTOS, Eurípedes dos. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Jaraguá-GO. Concedida em 29/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.

SILVA, Aurélio Afonso. Depoimento. Entrevistador: Marcos Botelho. Pirenópolis-GO. Concedida em 05/06/2021 para o projeto “Memórias das Bandas de Goiás” do BandaLab-UFG.